

No. S. 12660

SÉRIE DE NOTAS SOBRE A GUERRA

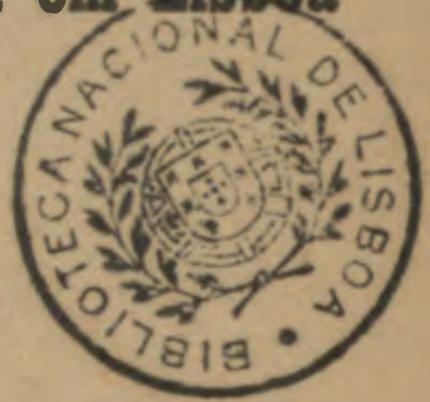
N.º 117

---

# A «ortodoxia» e os bolchevistas

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britânica em Lisboa



---

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1918



## A «ortodoxia» e os bolchevistas

---

Merece mais que uma atenção passageira um paragrafo pouco saliente que appareceu nos jornais de 13 de março e que provinha do correspondente da *Reuter* em Petrogrado. Diz: «Leu-se ontem em todas as igrejas o anatema contra os bolchevistas.» O que prognostica uma noticia tão singela? Para aqueles que teem estudado a Russia em todos os seus aspectos — historico, commercial, ético e religioso — indica o raiar duma nova esperança para o futuro: representa a mobilização duma força maior do que a que crearam os Leninistas ou a que se deve ao gasto abundante de ouro alemão, uma força que ganhou para a Russia nas tradições antigas o nome de «Russia Santa».

A Russia não ganhou seguramente aquele cognome pela santidade da vida dos seus habitantes. E' verdade que eles, na sua simplicidade, incorporavam muitos dos caracteristicos-do homem ideal indicado por Cristo; é certo tambem que na propria essencia da sua humanidade, erraram como erram todos os homens, e desobedeceram sem duvida a muitos dos preceitos que

condenam a satisfação excessiva dos gozos da vida. Afirmo porém sem hesitar que o campo-  
nez dos tempos antigos, apesar das suas fraque-  
zas naturais, tinha em si o germen dum cara-  
cter realmente nobre. Mas porque é que a Rus-  
sia foi cognominada «Santa»? Foi porque com  
pouquíssimas excepções, a grande massa do  
povo inspirava-se na Igreja Ortodoxa. Dir-se-  
ha que eram numerosos os dissidentes; assim  
era, porém em relação á população o numero  
era insignificante em comparação com as seitas  
diferentes que juntas recebem na Gran Breta-  
nha o nome de dissidentes. A Russia deixava-se  
guiar pela sua Igreja, e ainda que o ensino dado  
por essa Igreja fosse antiquado, e ainda que a  
moral do respectivo clero deixava ás vezes muito  
a desejar, contudo existia uma força que impe-  
lia para o bem.

É um conto já velho: na Igreja de Roma tem  
havido muito Papa cuja vida particular era ruim  
mas que não deixava de ser Papa excelente. As-  
sim acontecia na Russia: um padre de aldeia in-  
dolente, descuidado, imprevidente, dava muitas  
vezes uma aldeia exemplar. E porquê? Porque  
entendiam os seus anhos que o melhor modo de  
mostrar a sua desaprovação era de observar ri-  
gorosamente as práticas estabelecidas pela orto-  
doxia. Afinal é este um caracteristico proprio  
da natureza humana; está inerente em nós todos  
um instinto parecido e o que falta ao moujik pelo  
lado da educação é compensado pela sua facili-  
dade de instinto. Ora os bolchevistas vêm der-  
rubar todas as leis estabelecidas. Acabaram com

a Igreja Ortodoxa, roubaram-lhe as terras e os bens, reduziram á miseria o clero, tanto o negro (monastico) como o branco (páracos) e demonstraram o seu desprezo pelas doutrinas geralmente aceitas da cristandade. Hoje em dia nem o aldeão, nem o burgez, nem o aristocrata encontra quem lhe batise o filho, quem lhe abençõe o matrimonio, nem — e é o que mais lhes custa — quem lhes dê o santo viático, a ultima consolação naquella jornada que todos empreendem com algum receio. Isto tudo se deve a Lenin. Só Deus sabe o que será quando soar a sua hora a passagem de Lenin por esse rio que todos teem de atravessar; porém afirmo que será acompanhado pela maldição do moujik desde Vladivostock até Smolensk, desde Petrogrado até Merv.

Uma organização como a da Igreja Ortodoxa não se aniquila num dia, nem mesmo por um homem traidor a todos os preceitos da decencia, como é este Lenin—agente pago pela Alemanha, como todo o mundo virá a saber mais tarde. Pelo contrario, a adversidade trazer-lhe-ha beneficio; estava precisada desta provação da qual sairá fortalecida e purificada; será uma força moral ainda maior que pelo passado. Porém a questão mais importante é saber qual será o efeito produzido — se é que algum efeito haja — no povo da Russia no momento actual por esta solene cndenação dos bolchevistas. Seria pouco razoavel esperar um despertar nacional repentino e rapido. A um proletariado enorme foi permitido roubar á vontade todo o cidadão abastado. O



«meu» e o «teu» já nada significam hoje na Rússia; existe uma orgia de brutalidade e de terrorismo que terá de se desgastar primeiro que possa advir a regeneração. Porém, como uma noite passada na orgia, isto também não pode durar sempre, e já começa a aclarar o horisonte, ainda que quasi imperceptivelmente, a luz do novo dia.

A Igreja Ortodoxa acordou por fim; está saindo do sono da moleza e do abandono moral em que tem existido durante seculos. Por sua vez acenderá sem duvida uma tocha que iluminará a massa do povo russo para que resista ás hordas alemãs e para que se recorde que a Rússia é uma nação que possui um passado honroso e que tem, se assim o resolver, um grande futuro deante de si. O seu povo ha de recordar o seu antigo cognome de «Santo» e a historia terá de contar como ele soube responder — disto não resta duvida.